

## SALA DE PROVAS

### UMA SÓ QUINTA

CÉLIA LOURENÇO

O que mais me fascina no Vinho do Porto é, além do profundo significado cultural, a surpresa que a sua complexidade provoca. É curioso como, após a evidência da beleza física de uma geografia diferente, ficamos cada vez mais fascinados pelas histórias e por um quotidiano com rituais que nos parecem possíveis somente na literatura. Quando nos envolvemos nesse quotidiano, passamos a compreender que o resultado só poderia ser algo com um traço de excepcionalidade. O Vinho do Porto é, enquanto bebida, um desafio. É difícil, com códigos particulares, exige-nos tempo e paixão. A facilidade não faz parte desta história. Temos que aprender a ter, nos nossos padrões, os conceitos de rudeza e elegância em paralelo, aprender a olhar nos olhos vinhos de carácter temperamental e caprichosos. São assim, na sua intelectualidade fora do comum, absolutamente tentadores e diferentes, mas profundamente verdadeiros e de uma diversidade notável.

Esse enredo complexo está também desenhado nos vários tipos de Porto que daquelas vinhas nascem. As duas divisões imediatas são entre brancos e tintos. Para os tintos há ainda que escolher o destino: se evoluirão em casco ou em garrafa, ou seja, se serão do tipo "Tawny" ou do tipo "Ruby". Esta é a estrutura onde se encontram as raízes para qualquer Vinho do Porto. Claro que só assim seria simples de mais... existem depois diversas categorias que nos dão aproximações mais exactas a uma identidade própria de cada um dos vinhos. A excelência dos Portos é atingida com o Vintage (família Ruby), reservando-se para tal, as melhores uvas das melhores vinhas de uma só colheita. Para um vinho ascender a Porto Vintage tem que rigorosamente cumprir critérios que só são alcançáveis em anos excepcionais. A intenção de declarar um Vintage é submetida à apreciação da Câmara de Provadores do Instituto do Vinho do Porto e, após deliberação da mesma, a esse vinho pode então chamar-se Vintage. Claro

